

DOR DE MORDIDA TEM COR?¹

Maria Aparecida dos Santos Martins e Ana Maria Mello

A crônica mostra como as ações adotadas pelos educadores/adultos e também o ambiente podem significar de formas diversas a mordidas de um bebê e outro de etnia diferente.

Vocês já viram crianças morderem e serem mordidas, não é mesmo? Particularmente quem trabalha com as crianças abaixo de 3 anos sabe: crianças mordem!

Os bebês de 3 meses primeiro levam tudo a boca; observe os bebês no berçário, todos eles levam tudo à boca. Por que eles fazem isso? Qual é o propósito de as crianças se comportarem assim?

Alguns dizem até que bebês de 3 anos de vida estão em uma fase especial e que a boca é a zona de prazer do bebê. É verdade, todos nós já ouvimos falar da FASE ORAL. Parece que tudo isso já começa na amamentação. Todo mundo sabe que *a maior aproximação de mães e bebês é no momento de amamentar*. Como o bebê não consegue ficar 24 horas sendo amamentado, ele sente a necessidade de se satisfazer, colocando objetos na boca. Outros autores alertam: “o bebê leva tudo à boca para conhecer o mundo, para aprender sobre os objetos, tudo isso faz parte de seu aprendizado”.

Bem, não importa não é mesmo? O que reconheço é que as crianças têm prazer em levar todos os objetos à boca e têm prazer em aprender.

Mas tem alguns pediatras que lembram à fisiologia e dizem: as crianças precisam coçar a gengiva, ou, ainda, crianças pequenas levam tudo à boca antes do nascimento dos dentes, depois vai diminuindo, diminuindo...

Também parece que isso acontece com a criança; os objetos são menos colocados na boca após 18 meses; eles estão mais competentes para pensar e falar. Investigam os objetos, perguntam sobre eles, perguntam sobre suas qualidades e funções. A boca, o toque não são mais campo único de aprendizagem.

É nesse período da vida que os bebês humanos começam a morder. Por que será? Por que não são todos os bebês que mordem? Por que alguns são mordidos? Educadores e pais se perguntam, muitos se chateiam. Mas o que sabemos é que as crianças nessa fase mordem, e mordem mais se o ambiente estiver desorganizado e se os comportamentos dos adultos forem de muita alteração ou de acentuado desinteresse. É por isso que a conversa sobre mordidas entre os adultos que ficam com as crianças abaixo de 3 anos é bem-vinda.

Você também sabe: em creches temos o privilégio de conviver com várias etnias. Luis, por exemplo, é branco, olhos claros, parece neto de francês ou alemão. Enquanto Roberto é afro-descendente com avós maternos e paternos descendentes de africanos e/ou índios.

¹ In: MELLO, Ana Maria (et al.) **O dia a dia nas creches e pré-escolas**: crônicas brasileiras. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Mas nós estávamos conversando com você sobre a boca e não sobre etnias. É que quero contar um “causo” que aconteceu no meu grupo de crianças de 2 anos de idade sobre Boca-Etnia. É verdade! Pode parecer engraçado, mas, como Roberto e Luís, temos umas dezenas de boquinhas descendentes de africanos, índios, italianos, espanhóis... boquinhas miscigenadas, boquinhas latinas. Não vamos fazer confusão, caro leitor, são boquinhas da América Latina, elas mordem, mas não latem. Bem, às vezes brincam de latir também.

Mas voltando ao nosso “causo”: estávamos brincando em um tanque de areia, quando Luís e Roberto começaram a disputar um brinquedo. Os dois começaram a chorar e tentar argumentar sobre os direitos que tinham sobre o brinquedo. Os argumentos podem ser bons, interessantes, mas, nessa idade Luís não entende Roberto, Roberto não entende Luís e eu não entendia os dois! O ciclo está formado e logo os dois trocaram uma mordida.

Você deve estar aí pensando, NÉ COLEGA:

“Ué...E daí? Crianças mordem mesmo.”

“Console-as e logo tudo passará!”

E foi o que fiz. Logo tudo parecia em paz e chamei-os para o banho. Depois da farra habitual, todos limpos, banheiro organizado, sacolas penduradas. Ufa! Finalmente verifiquei o braço de Roberto, a marca praticamente desapareceu, enquanto no de Luís continuou avermelhada e roxa. Alguns colegas passaram por ali e comentavam: nossa, mordeu mesmo! Outro adulto comentou: coitado do Luís! Passei pomadas nas mordidas dos garotos, conversamos um bocado e logo fomos brincar de outra coisa.

A conversa continuava em torno da mordida de Luís; eu tentava desconversar, mudar de assunto, mas logo eu pensava também: É a mordida que Roberto ganhou?

A pele negra encobre marcas, picadas de insetos, batidas e mordidas. Os adultos comentavam da mordida dada pelo Roberto e não a mordida que ele havia recebido. Passamos o resto da tarde assim: cada vez que alguma criança ou adulto comentava sobre a marca do Luís, Roberto mostrava a sua apagada.

Mordidas são acontecimentos da infância, são comportamentos precoces de defesa de negação; o modo que tratamos cada uma delas, como organizamos e planejamos os ambientes, as interações é que são diferentes. Mordidas podem ser aprendizagem, e necessariamente elas são miscigenadas.

É por isso que dor de mordida não tem cor, ela deve ser observada, tratada e acompanhada, considerando a dor dos meninos e meninas como os: Luís, Lídia, Roberto, Mariana, Adilson, Iara, Yoko, Dayana, Bernard, Doris, Takamo, Marcella, Fabíola, Michèli, Yan, Kiara, Natacha, Boris Eygs, Akiko, Dará, Verinã, Yahya, Harun, Kim, e tantas Kangas Fayolas por aí!